

NOITE DE SÃO JOÃO



Autor: SEVERINO CESÁRIO DA SILVA

É noite de São João
o divino pregador,
que nasceu antes de Cristo
e dele foi precursor
por causa de Heródias
naqueles remotos dias
entregou seu corpo a dor.

Maria foi visitar
Izabel mãe de João,
o bebê pulou no ventre
nessa santa ocasião,
Maria mãe de Jesus
que fez espalhar a luz
pela margem do Jordão.

Izabel disse pra Virgem
a prima do coração,
que lhe mandava um sinal
quando nascesse João,
diz a versão verdadeira
foi feito grande fogueira
dela vem a tradição.

Toda gente tem desejo
nesta festa popular
tem viola e repentista
cantor de côco e ganzar,
e no ar o foguete brilha
dança de roda e quadrilha
vão até o sol raiar.

Casamento de matuto
no centro das capitais
na roça tem o zabumba
e instrumentos tabocais,
a faca na bananeira
bota a morena faceira
para saber o rapaz.

Bota água na bacia
pra ver se o rosto aparece,
pistola e fogo de roda
uma sobe e outra desce,
buscapês por toda parte
quando estronda um bacamarte
no pé da serra estremece.

Quem é que não tem prazer
na noite de São João,
cangica, bolo e pamonha,
bomba de estouro e balão,
milho assado na fogueira,
quando dispara a rouqueira,
meia hora treme o chão.

Cada porta uma lanterna
de vez em quando um balão
agulha dentro do prato
servindo de confusão,
porque tem cada morena
que parece uma verbena
fazendo adivinhação.

Tem comadre e tem compadre
no nome de São João,
tem bonitas fantasias,
seda estampada e chitão,
o sono ali não atrasa
quem tem fé pisa na brasa
deixa virada em carvão.

A criança se diverte
com seu foguinho também,
mosquito e traque de massa
e outro que por aí tem,
vê-se diabinho pular
estrela e roda do ar
uma vai e a outra vem.

É noite das alegrias
viola, verso e baião,
côco tirado na hora,
no terreiro e no salão,
a tomada da fogueira
o disparo da rouqueira
buscapês lambendo o chão.

Cobre a noite de fumaça
chega o homem no terreiro,
com bacamarte nas costas
que parece um cangaceiro,
dar tiro que voa a brasa
e o eco estremece a casa
que se apaga o candeeiro.

Chega a hora do balão
que voa na imensidade,
fica o povo na fogueira
vendo com tranquilidade,
rompendo o espaço vai
ninguém sabe aonde cai
deixa somente a saudade.

Zabumba, ganzar e píffano
a batucada de corda
sanfona de oito baixo
tradição não cai da moda,
vê-se em qualquer pé de serra
tamanco afundar a terra
dançando côco de roda.

Casamento de matuto
outra rica tradição,
que se faz durante a festa
da noite de São João,
quadrilha e dança de côco
deixa todo mundo louco
da capital ao sertão.

Ass'istir um casamento
na fazenda do mingau,
o dono dessa fazenda
o coronel Nicolau
a noiva era sua filha
parecia uma armadilha
magra que só bacalhau.

A mulher do coronel
dona Chica Birimbau
magra igualmente a filha
a noivinha do mingau
seu genro José Casanha
pessoa bastante estranha
tremendo cara de pau.

A filha de dona Chica
era Zéfa Nicolau,
o pai de José Castanha
Sebastião Caiatau,
mulher de Sebastião
Filomena Conceição,
parente de Birimbau.

Chegou no carro de boi
o padre e o sacristão,
que vinham do povoado
chamado de Butijão,
um grupo de testemunha
Dona Rosa come rinha
Pedro Jorge e Garrafão.

O carro ainda trazia
Zé da Venda e Zé Menino,
o coronel Qu'chabeira
Dona Benta e Valdevino,
José Pedro do Riacho
Pantalião Cabra Macho
Chico Fava e Fala Fino

Estava esperando cá
outra turma do mingau,
o coronel Zé Buchecha
e Zulmira Bacurau
o Zeca do Pé da Serra
Francisquinho Papa Terra
e o filho de Catatau.

Logo após o casamento
foi tudo para o salão,
enquanto cá na fogueira
soltavam bomba rojão,
a quadrilha se formou
e todo povo gritou
dando viva a São João.

A dança começou logo
verdadeira maravilha
a velha Chica assanhada
pegou no braço da filha
entregou para o Castanha
porque estava com vergonha
de emburacar na quadrilha.

O coronel Nicolau
quem primeiro entrou na dança
uma dança atrapalhada
por causa da sua pança
mais fazia um requebrado
com dona Chica de lado
igualmente uma criança.

Dona Benta entrou na dança
dançava com Valdevino,
e dona Rosa Come Vinha
Pegou-se com Zé Menino,
Zé Castanha enciumado
jogou a noiva de lado
quase dava em Fala Fino.

A filha de Quichabeira
foi dançar com Garrafão,
comerciante afamado
da vila do Butijão,
Pantalião Cabra Macho
com a moça do Riacho
fez bolinha no salão.

A hora passou depressa
a noite se despedia,
a madrugada romântica
esperava o novo dia
uma pontinha do sol
vinha rompendo o lençol
da nuvem que lhe cobria.

O sol da manhã brilhou
na frente do casarão,
a turma ainda dançava
naquele grande salão,
aquela rapaziada
esperava a panelada
que estava no caldeirão

A onde dançaram o côco
ficou as marcas dos pés,
tamancos arrebeniados
ficaram pra mais de dez,
jardim, parede e telhado
estava tudo tostado
do fogo dos buscapés.

Os vegetais fumacentos
da fumaça da fogueira
a carcaça de um balão
em cima da cumieira
palha de milho em montão
a buraqueira no chão
onde infincava a ronqueira.

Foi noite de São João
o precursor de Jesus,
que veio d'issipar as trevas
com seu espírito de luz,
lutou de encontro ao ódio
registrando um episódio
que o mundo inteiro traduz.

Com a chegada do dia
Eu tive que me afastar,
Sentindo muita saudade
Achei bom o festivar,
Recordo sempre o mingau
Interior não é mau
Onde o São João é legal.

FCRB - BIBLIOTECA

COMPRA: C/\$ 200,00

REG.: 8170 17/4/84